


Autoridade e Alteridade na China de Roland Barthes / *Authority and Alterity in Roland Barthes' China*

Laura Taddei Brandini*

Doutora em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês e em Letras pelas universidades de São Paulo e de Genebra, respectivamente. Professora Adjunta na Universidade Estadual de Londrina. laurabrandini2016@gmail.com.

 <http://orcid.org/0000-0001-9041-8723>

Recebido em 16 out. 2019. Aprovado em: 29 out. 2019.

Como citar este artigo:

BRANDINI, Laura Taddei. Autoridade e Alteridade na China de Roland Barthes. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 8, n. 4, p. Port. 70-85 / Eng. 69-83, dez. 2019. ISSN 2317-2347.

RESUMO

Em 1974 Roland Barthes, François Wahl, Philippe Sollers, Julia Kristeva e Marcelin Pleyne passavam um mês na China de Mao Tsé-Tung. O “grupo de Tel Quel”, como era visto, visita o país sob a tutela da Agência Luxingshe, que também providencia dois guias e tradutores para acompanhar os visitantes. Tendo por fio condutor os Cadernos da viagem à China ([1974] 2009) e o artigo “E então, China?” (1974) de Barthes, procurarei identificar, descrever e interpretar a presença do estrangeiro chinês aos olhos do escritor francês, por meio de suas formulações espacial e linguística, bem como das descrições dos chineses. Dessa leitura, num grau mais abstrato, serão objeto de reflexão situações de exercício de autoridade e de busca pela alteridade, marcando a atualidade dos gestos barthesianos de repulsa à primeira e de busca pela segunda. Os pontos de vista de Barthes serão contrapostos aos de seus colegas de viagem, que também reportaram suas impressões uma vez de volta à França. Como a China é apreendida pela trama textual das narrativas de viagem e pelo discurso dos membros do grupo? Quais aspectos convergem e quais divergem nesses múltiplos olhares sobre o mesmo objeto, o Estrangeiro, particularmente, chinês, num momento de autoritarismo político e ideológico?

PALAVRAS-CHAVE: Roland Barthes; China; Autoridade; Alteridade

ABSTRACT

In 1974 Roland Barthes, François Wahl, Philippe Sollers, Julia Kristeva and Marcelin Pleyne spend a month in Mao Zedong's China. The “Tel Quel group”, as they were seen, visits the country under the tutelage of Luxingshe Agency, which also provides two guides and translators in order to accompany visitors. Taking as a guideline Barthes's Travels in China ([1974] 2009) and the article “Alors, la Chine?” (without translation in English), I will try to identify, describe and interpret the presence of the Chinese Foreigner by the eyes of the French writer, through these spacial and linguistic formulations, as well as the descriptions of the Chinese people. From this reading, in a more abstract degree, situations of exercise of authority and the search for otherness will be the object of reflection, marking the timelessness of the Barthesian gestures of repulsion to the first and the search for the second. Barthes's views will be opposed to those of his fellow travellers, who also reported their impressions once back to France. How is China grasped by the textual plot of travel narratives and the discourse of group members? Which aspects converge and which diverge in these multiple views on the same object, the Foreigner, particularly Chinese, in a moment of political and ideological authoritarianism?

KEYWORDS: Roland Barthes; China; Authority; Alterity

*

 laurabrandini2016@gmail.com.



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i4.1611>.

“Autoridade” e “alteridade”, embora muito próximos em língua portuguesa, pois são termos quase homófonos, apresentam raízes distintas. “Autoridade” vem do latim *auctoritas* que, para além de sua significação primeira, engloba ainda os sentidos de responsabilidade e de validade. Aquele que exerce “autoridade” também tem a responsabilidade de validar e, portanto, de determinar e fixar, a partir de seu julgamento, o que tem valor. Por outro lado, “alteridade” tem sua origem em *alter*, compreendido não só como outro ou diferente, mas igualmente como alteração e mudança. O Outro, portanto, tem em sua origem a marca do movimento, do deslocamento que causa estranheza. Os dois termos, “autoridade” e “alteridade”, têm andado juntos nos últimos anos numa convivência nada pacífica, entrando em choque quase diariamente, em razão da crise humanitária gerada pela intensificação do fluxo de imigrantes em direção à Europa e a alguns países das Américas.

As notícias diárias sobre os naufrágios no Mar Mediterrâneo e as tensões nas fronteiras brasileiras e estadunidenses, matando milhares de pessoas que fogem de guerras, de perseguições políticas e da miséria, mostram insistentemente que autoridade e alteridade frequentam o léxico político no momento atual : plebiscitos como o que resultou na opção de saída do Reino Unido da União Europeia (2016) e eleições de políticos com discursos xenófobos declarados ou disfarçados de nacionalismo, como as de Donald Trump nos Estados Unidos (2016) e de Jair Bolsonaro no Brasil (2018), dentre tantos outros, mostram que grande parte das populações simplesmente não está disposta a acolher o Outro.

A questão da imigração, que recobre o modo como as pessoas se relacionam com a alteridade, acaba por adquirir, portanto, uma dimensão política quando implica numa decisão de Estado. No momento, tem-se visto a autoridade com frequência se deformar em autoritarismo, quando recusa o Outro com insensibilidade e muitas vezes até mesmo brutalidade. A política pode ser observada também do campo literário, como propõe Roland Barthes, ao refletir em *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975):

O Político é, subjetivamente, uma fonte contínua de tédio e/ou de gozo; é, além disso e *de fato* (isto é, apesar das arrogâncias do sujeito político), um espaço obstinadamente polissêmico, o lugar privilegiado de uma interpretação perpétua [...]. Poder-se-ia concluir, dessas duas constatações, que o Político é o *textual* puro: uma forma exorbitante, exasperada, do Texto, uma forma inédita que, por seus transbordamentos e suas máscaras, ultrapassa talvez nosso entendimento atual do Texto. (BARTHES, 2003, p. 164, grifos do autor)

A compreensão do político como “textual” permite que se pense o embate entre a alteridade e a autoridade – e sua forma mais perversa, o autoritarismo – a partir da literatura, o que potencializa a polissemia do Texto barthesiano: compreendido, em linhas gerais, como o texto que sacode o leitor, provocando reflexões até então inusitadas, o Texto, com “t” maiúsculo, concebido por Barthes em “Da obra ao texto” ([1970] 2004), multiplica as leituras possíveis das relações entre autoridade e alteridade, como se pode ver nos escritos de Barthes sobre a China.

Do contato com o Outro emerge, na obra barthesiana, um estranhamento difícil de definir, vizinho da incompreensão, parente da aversão, com uma pitada de curiosidade¹. Barthes vivenciou esse estranhamento em dois momentos distintos, marcados ao mesmo tempo pela autoridade e, em alguns momentos, até mesmo por certo autoritarismo, bem como pela alteridade, como este artigo procurará demonstrar. A chave para a compreensão dessas duas situações se encontra na China maoísta dos anos de 1970, visitada pelo escritor francês.

Quando pouco a pouco começaram a chegar à França notícias sobre os campos de trabalho forçado na Rússia, para onde eram enviados os dissidentes do regime comunista, a dúvida se instaurou na esquerda francesa, que até então tinha no Partido Comunista Francês (PCF) um dos bastiões da ideologia anticapitalista. A revista de vanguarda literária *Tel Quel*, comandada por Philippe Sollers, Julia Kristeva e Marcelin Pleyne, fundada em 1960 e oficialmente aliada do PCF, em 1972 abandona essa posição e se torna maoísta. Mais do que a própria Revolução Cultural (1966), de que pouco se tinha informação à época, era com base no que se idealizava sobre ela – notadamente sobre o suposto papel preponderante da cultura na revolução – que muitos intelectuais aderiram ao maoísmo, agarrando-se a uma alternativa ao comunismo estalinista que se revelava ditatorial. Philippe Forest, autor da *Histoire de Tel Quel* [História de *Tel Quel*], cita Sollers a esse respeito:

Éramos “maoístas” por ímpeto de revolta. Naquele momento, estávamos entrando imediatamente em contradição com os próprios maoístas, isto é, com os bandos de maoístas que pensavam com um modelo arcaico que o maoísmo era o retorno à tradição pura e simples do marxismo, ou seja, ao estalinismo (1995, p. 474, trad. nossa²).

¹ Esse tema é explorado pela literatura desde a Antiguidade, como bem o demonstra Julia Kristeva em seu *Estrangeiros para nós mesmos* (1988), um panorama histórico do tema do estrangeiro na literatura e na cultura, que ressalta sua condição marginal desde *As Suplicantes* (466-463 a.C.), de Ésquilo, até o drama contemporâneo do imigrante nas grandes cidades europeias.

² « On était ‘maoïste’ par souci de révolte. A ce moment-là, on entrait immédiatement en contradiction avec les maoïstes eux-mêmes, c’est-à-dire avec les cohortes de maoïstes qui pensaient sur un modèle archaïque que le maoïsme c’était le retour à la tradition pure et dure du marxisme, c’est-à-dire au stalinisme. »

Nesse contexto, por intermédio da escritora Maria-Antonietta Macciocchi, autora do elogioso ensaio sobre a China maoísta *De la Chine* [Da China] (1971), com trânsito junto aos diplomatas daquele país, uma comitiva de *Tel Quel* embarca para a China do presidente Mao em 11 de abril de 1974. Composto por Sollers, Kristeva e Pleyne, acrescido de Barthes e de seu editor na Seuil, François Wahl, o grupo, como era de praxe para se conhecer o país naquele momento, viaja sob a tutela da Agência Luxingshe, órgão governamental chinês encarregado dos visitantes estrangeiros. Até 4 de maio, data da volta à França, o grupo visita fábricas, escolas, uma universidade, monumentos históricos e museus, assiste a espetáculos de dança e a jogos de vôlei, vai ao cinema e ao teatro, em Pequim, Xangai, Nanquim, Luoyang e Sião, mas não é autorizado a visitar um campo de reeducação pelo trabalho, conhecidos como “escolas de 7 de maio”, apesar de sua solicitação.

Essas atividades seguem rigidamente o protocolo da Agência chinesa: o grupo é acompanhado o tempo todo por dois guias-intérpretes; um representante local do Partido Comunista é encarregado da apresentação de cada estabelecimento ou sítio histórico, colocando em relevo o papel de Mao Tsé-Tung no desenvolvimento do país. Em resumo, a China vista por Barthes, Wahl e os *telquelianos* é o país que o regime de Mao pretendia expor ao Ocidente, onde todos os discursos resultam em elogios à Revolução Cultural. Constantemente submetidos à autoridade dos guias, que definiam onde ir, com quem falar e com quem não falar, o grupo não tinha liberdade para descobrir esse Outro que se apresentava diante deles. O encontro com o Estrangeiro, na China, era intermediado por um muro invisível de autoritarismo contra o qual não era possível se rebelar, sob pena de sanção.

Durante a viagem, todos tomam muitas notas, fotografam o que pode ser fotografado, Barthes e Pleyne redigem diários. Estes só serão publicados posteriormente: o volume *Cadernos da viagem à China*, de Barthes, sairá em 2009, vários anos após sua morte, em 1980. Suas anotações dizem muito sobre o quanto a temporada na China foi autoritária e opressora: as constantes enxaquecas de Barthes refletem seu tédio e sua insatisfação com os caminhos delimitados que a comitiva era obrigada a percorrer, tanto fisicamente, quanto no nível do discurso: Barthes anota pacientemente os dados informados pelos responsáveis pelas fábricas, pelos museus, pela universidade, pelo hospital visitados, mesmo que tudo se repita diariamente. O escritor observa nessa repetição de falas blocos discursivos, ou seja, trechos de discursos cristalizados que são organizados de forma a compor um muro, separando dele a verdadeira China.

A opressão discursiva praticada pelas autoridades chinesas – que não se furtavam a exercer sua autoridade sobre os estrangeiros – é tamanha que transparece até mesmo na escrita do diário de Barthes: ele manifesta suas opiniões pessoais, seus desejos, suas dúvidas entre colchetes, como se estes fossem brechas no muro, nas quais o escritor pudesse se expressar livremente. Liberdade vigiada, restrita e, portanto, insatisfatória, pois Barthes não tem sua curiosidade saciada. Já na chegada a Pequim ele menciona a questão à qual terá de responder depois da viagem: “ ‘E então, a China?...’ ” (2012, p. 8). Mais do que apreender informações de cunho sócio-político ou conhecer a história, a arte ou até mesmo as paisagens chinesas, a leitura dos *Cadernos* torna evidente que, para Barthes, a resposta passa por uma experiência de alteridade, ou seja, pelo conhecimento do Outro, dos chineses. Objeto constante de seus questionamentos e de sua procura, os chineses são, contudo, inalcançáveis, devido à ausência total de contato imposta com autoritarismo pela Agência, como Barthes observa em um espetáculo circense em Xangai, em 15 de abril: “A gente não sabe nada, nunca saberei nada: quem é o rapaz ao meu lado? O que ele faz durante o dia? Como é seu quarto? O que está pensando? Como é sua vida sexual? etc. [...]” (2012, p. 38).

Ainda na França, no avião, suas primeiras impressões sobre os chineses são curiosas: “Partida de Orly: aglomerados à parte, uma dúzia de chineses de paletó preto e gola alta, enquanto o guia veste traje de passeio. Parece um convento em viagem” (2012, p. 6). A imagem remete a uma ideia de clausura, como se, em território francês, os chineses estivessem presos: há um protocolo vestimentar, um espaço delimitado que lhes é reservado no avião, um guia que toma as decisões e cuida para que não saiam da norma. Eles estão, portanto, excluídos de qualquer contato com os ocidentais, “à parte”, são marginais, estrangeiros por excelência. A distância entre os chineses e Barthes aumenta no dia seguinte, ainda no avião: “Eles [os chineses] se enfiaram no fundo do avião, de olhos fechados, como – direi com afeição? – porquinhos, bichinhos redondos; confinados também, em certo sentido” (2012, p. 7).

A distância entre o observador, Barthes, e os estrangeiros se torna mais profunda com a comparação com os animais: haveria uma diferença entre espécies, a humana e a dos animais. Inicialmente tratados como “porquinhos”, o escritor gradativamente apaga toda identificação do grupo de chineses, chamando-os, em seguida, de “bichinhos redondos”, para, na frase seguinte, fazer com que desapareçam, relegando ao adjetivo “confinados”, sem determinante, a marca da animalidade. Postado na distância que o separa dos chineses, Barthes assume a posição de observador diante de um povo que se torna seu objeto de observação. O ponto de vista adotado,

portanto, é o de um pesquisador ou explorador que quer conhecer cada elemento constitutivo de seu objeto; o que explica as várias questões que ele levanta em suas anotações.

Entretanto, não devemos ignorar a hesitação do escritor em sua comparação entre o grupo de chineses e os porquinhos: a interrogação “darei com afeição?” mostra uma disposição afetiva que guiará suas tentativas – todas frustradas, diga-se de passagem – de ter uma experiência de alteridade livre das autoridades, isto é, encontrar o Estrangeiro na China, tanto no sentido concreto, o de encontros eróticos, quanto no sentido antropológico, de aquisição de conhecimento sobre os pensamentos e hábitos dos chineses.

Se Barthes não consegue ultrapassar o muro que o separa do Estrangeiro, se ele não tem um contato que permita se aproximar e conhecer um pouco os estrangeiros que observa, na China ele também se torna o Estrangeiro observado pelos chineses. Pois, do ponto de vista espacial, é ele quem visita o país, é ele que não fala mandarim, é ele o Estrangeiro. Tal inversão parece inesperada, até mesmo desconfortável, já que Barthes a anota várias vezes nos *Cadernos*. A primeira vez em que acontece é bastante significativa, uma vez que se passa no jardim zoológico de Nanquim, em 19 de abril: “Visita ao zoo. Um pouco de sol (ainda naquele grande Tivoli com lagos). Como todos os zoológicos do mundo. Seguidos devagar por cinquenta pessoas. Panda. Duplo zoo: nós olhamos o panda, cinquenta pessoas nos olham” (2012, p. 76-77). O observador do animal exótico se transforma no objeto de observação; o Estrangeiro chama a atenção dos chineses, numa *mise en abîme* da função do olhar. Barthes se vê, então, no lugar do panda, um animal, e dessa vez não mais distante, mas ao lado dos porquinhos do avião, numa primeira experiência plena de alteridade: ele não só acolhe o Outro com interesse, mas de repente ele se torna o Outro, aquele que é olhado porque desperta o interesse.

Tal papel não é recusado por Barthes e seria até mesmo bem-vindo se lhe oferecesse a possibilidade de estabelecer algum tipo de relação com os chineses. Mas não é o caso: nas Grutas de Longmen, em Luoyang, no dia 23 de abril, o escritor se refere a seu grupo como “turistas sagrados”, pois os chineses manifestam muita curiosidade a respeito deles, seguindo-os em breves trajetos a pé. O que não conduz a nenhum tipo de contato, pois se trata de uma curiosidade pudica, ou temerosa, ou muito respeitosa, ou ainda reprimida pelos guias, não permitindo uma aproximação: “De onde vem toda essa gente, nesse sítio puramente turístico? Não há aldeia, nada ao lado. E eles estão aí como turistas de nós, não do sítio nem das estátuas” (2012, p. 124). Ainda em Luoyang, na Ópera, Barthes escreve: “[Ontem Ópera: Somos sagrados: aproximam-se em massa para nos olhar, afastam-se para não nos tocar]” (2012, p.

138). Ou então em Pequim, em 2 de maio, no final da estadia na China: “Enquanto o motorista não vem, o ônibus é cercado de uma multidão de crianças boquiabertas. Alguns civis, com expressão grave e distante, tentam dispersá-las com calma, decerto por pudor e distância em relação aos estrangeiros” (2012, p. 214-215).

Os Estrangeiros vindos da França passam da categoria de pandas no zoológico à de estátuas no sítio histórico, objetos de atenção e de interesse, sempre em alguma medida intocáveis ou “sagrados”, no termo de Barthes. Como na fábrica de tratores, onde ele troca olhares com um operário, a multidão, siderada pelos estrangeiros ocidentais, comunica sua curiosidade silenciosamente, por meio de um olhar que desnuda: “[Como eles olham intensamente! Intensidade de curiosidade fascinante, incrível, no olhar. É que esse olhar se dirige não à nossa pessoa, nem mesmo ao corpo como eros, mas abstrata e essencialmente à espécie: sou despojado de meu corpo em prol de meu germe]” (2012, p. 146). Nem panda, nem estátua, mas pura e simplesmente humano, Barthes é reduzido a sua essência pelo olhar interrogador dos chineses que, por sua vez, em razão do regime fechado, não tinham o hábito de ver ocidentais: a novidade da presença da comitiva francesa faz de seus membros não somente diferentes, mas principalmente raros, únicos, especiais; em uma palavra, exóticos, provocando questões essenciais, por exemplo, sobre a espécie à qual eles pertencem.

O desejo de Barthes pelos chineses é, pelo menos no nível da pesquisa antropológica, recíproco: os contatos são procurados a todo momento, tanto da parte do escritor, quanto da dos chineses – “Muita gente nos olhando, estupefata” (2012, p. 162). Todo Estrangeiro é um objeto de desejo nos *Cadernos da viagem à China*, que pode ser lido como uma narrativa sobre o desejo pelo Outro reprimido pela autoridade.

Desse ponto de vista, o episódio mais emblemático da viagem é a visita à exposição dos pintores camponeses de Huxian. Dela tratam Barthes, nos *Cadernos*, Kristeva, no livro *Des Chinoises* [Chinesas] (1974) e num capítulo do romance *Os Samurais* (1990), bem como Pleyne, no seu diário de viagem, *Le Voyage en Chine* [A Viagem à China] (1980, com nova edição em 2012). Na tarde de 25 de abril o grupo é levado à cidadezinha situada a 45 minutos de carro de Sião para conhecer as obras dos pintores camponeses. Como explica Pleyne, a partir de 1958, os dirigentes do partido comunista chinês notaram as pinturas murais, sempre elogiosas do regime, que apareciam na cidadezinha. Decidiram encorajar os pintores camponeses, oferecendo-lhes estágios na Escola de Belas Artes, fato que incrementou o número de pintores e de obras em Huxian “que servem à propaganda dos movimentos políticos

e ilustram os métodos de trabalho recomendados pelo partido” (PLEYNET, 2012, p. 81, trad. nossa³).

Pleynet, que também é crítico de arte, lança um olhar benevolente sobre as obras que vê, excetuando as de estilo realista soviético, em sua opinião, “uma ou duas”, para anotar em seu diário, sobre o conjunto, a seguinte observação: “uma relação de diferença de escala entre o chinês e seu meio ambiente (rural ou urbano)” (2012, p. 80-81, trad. nossa⁴). Ora, essa diferença é típica do gênero *naïf* em pintura, o que evidencia a tentativa do autor de apreender as telas chinesas por meio de sua inserção numa tradição reconhecida pela cultura ocidental. Uma possível leitura positiva da visão de Pleynet sobre as obras dos pintores camponeses, portanto, cai por terra quando se identifica, nas entrelinhas de seu diário, a manutenção de seu ponto de vista eurocêntrico, distanciando o Outro de si e incorporando-o a sua cultura.

Após a visita à exposição, uma inversão se opera: o grupo europeu sai do barracão onde as telas estão expostas e,

Na entrada da cidadezinha onde se encontram expostas as obras dos pintores camponeses, as duzentas ou trezentas pessoas que foram reunidas por ocasião de nossa visita parecem nos considerar com uma curiosidade estupefata (somos os primeiros estrangeiros a visitar essa cidadezinha). Encontraremos essas pessoas no mesmo lugar saindo, duas horas e meia mais tarde. (PLEYNET, 2012, p. 83, trad. nossa⁵)

Como no episódio do jardim zoológico anotado por Barthes, em Huxian a comitiva parisiense se torna objeto da curiosidade dos chineses. A cidadezinha se reúne para recebê-los à entrada do barracão onde as pinturas estão expostas, e espera, pacientemente, por sua saída, a fim de vê-los uma última vez. O adjetivo “estupefata” qualifica a curiosidade com que os camponeses olham os Estrangeiros, os Outros: assombrados, imobilizados pela perplexidade, talvez até mesmo entorpecidos. Reação típica quando se está diante de algo totalmente novo, diferente, inusitado e, talvez até mesmo, assustador, como se os chineses estivessem diante de algum tipo de perigo iminente... O encontro com o Outro?

Em *Os Samurais*, romance que remete a fatos reais da vida da autora, Julia Kristeva, há um capítulo dedicado à viagem de um grupo de cinco intelectuais à China, com destaque para o

³ “[...] qui servent la propagande des mouvements politiques qui illustrent les méthodes de travail recommandées par le parti.”

⁴ “[...] un rapport de différence d'échelle entre le Chinois et son environnement (rural ou urbain).”

⁵ “À l'entrée du village où se trouvent exposées les œuvres des peintres-paysans, les deux ou trois cents personnes qui ont été réunies à l'occasion de notre visite semblent nous considérer avec une curiosité stupéfaite (nous sommes les premiers étrangers à visiter ce village). Nous les retrouverons au même endroit en sortant deux heures et demie plus tard.”

mesmo episódio, contado pela narradora. Depois da descrição do trajeto entre Sião e a cidadezinha, durante o qual o grupo de viajantes não vê ninguém,

Bruscamente, extraterrestres. Os camponeses que haviam desaparecido estavam ali, amontoados, sentados ou agachados na praça da cidadezinha. Um silêncio lunar... Os cinco descem do micro-ônibus e se dirigem para a porta da exposição. Esboçam sorrisos para cumprimentar os camaradas chineses. Incrível! Os olhos dos agachados estão fixos, inexpressivos, vazios, estupefatos. Não, não estão curiosos, nem admirativos, nem interrogativos, nem desconfiados, nem mesmo com raiva. Tais olhares seriam destinados aos humanos, aos outros humanos, entenda: aos outros chineses. Mas os “nariz-comprido”, que saem de carros desconhecidos, embrulhados em roupas estranhas: os camponeses de Huxian nunca viram. Animais, uma outra espécie, visitantes do cosmos? Esses brancos despertavam como que um medo atávico e cego, que ignora sua própria humanidade como ela recusa a dos visitantes. Todos os marcianos uns pelos outros.

– Vocês viram isso, eles estão nos tomando por extraterrestres! Os “chineses” somos nós.

Olga [Kristeva] estava alucinada.

– Eles nos tomam por estrangeiros pura e simplesmente, mas talvez você tenha razão, não se olha um estrangeiro desse jeito no Marrocos ou em Saigon, observou Sylvain [Pleynet].

– Os camaradas de Huxian pela primeira vez recebem amigos estrangeiros ! Zhao nº 1 [o guia] tentava amortecer o choque.

– Não estão nos vendo porque não estão nos reconhecendo como humanos. Eles estão se perguntando se não somos de uma outra espécie diferente da espécie humana, que é a deles. (Olga).

– Isto é a China profunda. O império do Meio não conhece o Outro. (Hervé. [Sollers])

– A verdadeira Muralha da China está nesta pracinha. (Bréhal [Barthes] estava contente por expressar por esse viés seu desconforto, que só fazia crescer desde o início da viagem [...]). (1992, p. 230-231, trad. nossa⁶)

⁶ “Brusquement, des extraterrestres. Les paysans disparus étaient là, tassés, assis ou accroupis sur la place du village. Un silence lunaire... Les cinq descendente des Zim et se dirigent vers la porte de l’expo. Ils esquissent des sourires pour saluer les camarades chinois. Incroyable! Les yeux des accroupis les fixent, inexpressifs, plats, stupéfaits. Non, pas curieux, ni admiratifs, ni interrogatifs, ni méfiants, ni même haineux. De tels regards seraient destinés aux humains, aux autres humains, comprenez: aux autres Chinois. Mais des ‘longs-nez’ comme ça, qui descendent de voitures inconnues, accoutrés de vêtements bizarres: les paysans de Huxian n’en ont jamais vus. Des animaux, une autre espèce, des visiteurs du cosmos? Ces Blancs éveillaient comme une peur atavique et aveugle, ignorant sa propre humanité comme elle refusait celle des visiteurs. Tous des Martiens les uns pour les autres.

– Vous avez vu cela, ils nous prennent pour des extraterrestres! Les ‘Chinois’, c’est nous.

Olga était sidérée.

– Ils nous prennent pour des étrangers, tout simplement, mais peut-être avez-vous raison, on ne regarde pas un étranger comme ça au Maroc ou à Saigon, remarqua Sylvain.

– Les camarades de Huxian reçoivent pour la première fois des amis étrangers!

Zhao nº 1 essayait d’amortir le choc.

– Ils ne nous voient pas, parce qu’ils ne nous prennent pas pour des humains. Ils se demandent si nous ne sommes pas d’une autre espèce que l’espèce humaine qui est la leur. (Olga).

– C’est bien la Chine profonde. L’empire du Milieu ne connaît pas d’Autre. (Hervé).

A aparição dos camponeses é repentina: os personagens passam do caminho deserto ao encontro de uma multidão, que os vê como “extraterrestres”, ou seja, como seres pertencentes a outro planeta. De fato, se o planeta dos camponeses de Huxian é a sua região, o grupo de parisienses só pode lhes parecer estrangeiro, literalmente, conforme a etimologia latina, “de fora”. A dimensão dessa estrangeiridade parece só poder ser expressada por um vocabulário do campo lexical do espaço sideral, manifestado pelas referências ao grupo ocidental como os “visitantes do cosmos” e “marcianos”. O silêncio, “lunar”, para a narradora-personagem Olga, explicita a distância entre os grupos, medida metaforicamente não em metros ou quilômetros, o que seria pouco, mas em anos-luz.

Os comentários dos personagens evoluem, em cascata, na direção de uma reflexão sobre o Outro: primeiro a narradora Olga se sente identificada a um extraterrestre pelos chineses, revertendo em seguida o caráter estrangeiro, até então imputado aos chineses, para seu grupo: “Os ‘chineses’ somos nós” demonstra que “chineses” é simplesmente um sinônimo de estrangeiros, cujo grau máximo parece-lhe ser representado por habitantes de outro planeta. Sylvain se sente definido, segundo os olhares dos camponeses, como estrangeiro pura e simplesmente, porém nota uma diferença... que é explicada pelo guia, ao informar que aquela era a primeira vez que os habitantes de Huxian viam ocidentais. A distância entre o grupo e os camponeses, a mesma entre humanos e não-humanos (extraterrestres, marcianos), é constatada por Olga para ser explicada por Hervé com uma experiência até então inédita para os chineses daquela cidadezinha: o confronto com a existência do Outro. Na análise dos ocidentais, a massa camponesa era desprovida de individualidade, trabalhava, pintava e vivia de acordo com os valores e princípios do regime, sem nenhum tipo de questionamento identitário. A visita da comitiva parisiense lhe proporciona então uma descoberta única, a da alteridade: revela-se para os chineses a existência de seres distintos dos até então conhecidos. O conhecimento do Outro – que, contudo, não parecia ser *reconhecido* como Outro pelos chineses – não acontece. Bréhal cria uma metáfora sintetizadora: “A verdadeira Muralha da China está nesta pracinha”, ou seja, o muro simbólico que separa os chineses dos cinco membros da comitiva nunca foi tão alto

– La vraie Grande Muraille de Chine, nous l'avons sur cette petite place. (Bréhal était ravi d'exprimer par ce biais sa gene, qui ne faisait que croître depuis le début du voyage) [...].”
Entre colchetes anotei a que membro da comitiva de *Tel Quel* corresponde cada nome fictício. Não tivemos acesso à tradução brasileira, razão pela qual citamos, em tradução nossa, do original em francês.

e, somente por meio de suas frestas, os olhares emudecidos comunicam o silêncio do estranhamento.

Com essa mesma experiência Barthes é mais econômico: anota os fatos, como o aglomerado no momento da chegada do grupo – “Aldeia: fileira espessa de habitantes ao longo de todo o percurso: nunca tão festejados: Pompidou em Aurillac” (2012, p. 150) – e a visita da exposição e suas apreciações sobre as obras – “[Que dizer?!] Realismo puro. Tudo no contínuo. Nada sem conteúdo” (2012, p. 152). Um quadro chama sua atenção: “[Os que nos são mostrados durante muito tempo são os mais lambidos, os mais banais, os menos *naïfs*] [pois debaixo do quadro ruim, uma colheita, melhor, fino, *linear* e disposição mais *naïf* do espaço [...]].” (2012, p. 153, grifo do autor) Kristeva nota com efusão a mesma obra e trata dela tanto em *Os Samurais* (1992, p. 233-234), quanto em *Des Chinoises*, livro em que reproduz uma entrevista com a artista, Li Fenglan, bem como uma foto dela e de seu quadro (1974, p. 184-188).

Barthes não manifesta a surpresa, menos ainda toda a emoção que Kristeva experimenta diante dos olhares que veem estrangeiros pela primeira vez, reproduzidas em *Os Samurais*. Ele até mesmo estabelece uma comparação em tom de brincadeira com a visita do presidente francês Georges Pompidou a sua cidadezinha natal, Aurillac. Tal reação se deve, talvez, à ausência de novidade da situação para ele que, seis dias antes, já registrava, em Nanquim, na visita ao zoológico, a mesma reação dos chineses face ao grupo.

Esse olhar lançado ao grupo, no zoo, ou em Huxian, mas também em várias situações reportadas por Barthes, é o mesmo que os ocidentais dirigem aos chineses: as posições são intercambiáveis e o fato de se tornar objeto da curiosidade daqueles que constituem o objeto da curiosidade da comitiva suscita uma autorreflexão pela única estrangeira ao quadrado dentre os viajantes: não chinesa, mas também não francesa, a búlgara – e portanto da Europa oriental – Kristeva escreve em *Des Chinoises*:

Não é meu objetivo, e talvez seja inútil tentar definir tudo o que na civilização e na sociedade moderna chinesas determina o olhar inominável dos camponeses de Huxian que, na verdade, não faziam nada além de me devolver o olhar que eu tinha por eles sem ousar lhes mostrar, cheia de humanismo universalista, de fraternalismo proletário e (por que não?) de falsa civilidade colonialista (1974, p. 15, trad. nossa⁷).

⁷ “Ce n’est pas mon but, et il est peut-être inutile d’essayer de cerner tout ce qui, dans la civilisation et la société moderne chinoises, détermine le regard innommable des paysans de Huxian qui, en fait, ne faisaient rien d’autre que me renvoyer le regard que moi j’avais pour eux sans oser le leur montrer, pétrie d’humanisme universaliste, de fraternalisme prolétarien et (pourquoi pas?) de fausse civilité colonialiste.”

O espelhamento entre estrangeiros conduz a autora a uma autocrítica prolífica: reconhecendo a igualdade dos olhares trocados entre os chineses e o grupo europeu, Kristeva estabelece uma relação linear de duplo sentido. Fazendo isso, torna o espaço que separa os chineses dos viajantes ocidentais não mais um abismo intransponível, mas sobretudo um espaço de diálogo, de conhecimento e de aprendizado do Outro, assim como de si mesma. A escrita é o gesto que permite preencher esse espaço com observações, descrições, reflexões, humores. Em um momento em que na França uma posição em relação à China significava defender ou rejeitar as convicções do Partido Comunista Francês, muito lúcida, Kristeva pondera: “Escrever a favor ou contra: velho jogo do militante engajado na situação. Isso pode tornar servil, pode assujeitar: essa atitude sempre perde a chance que a descoberta do *outro* pode proporcionar de nos interrogarmos sobre o que, aqui e agora, é novo, quase inaudível, perturbador” (1974, p. 15, trad. nossa, grifos da autora⁸).

Mesmo sem dizê-lo abertamente, os textos de Barthes sobre a China mostram que ele tem uma visão semelhante à de Kristeva: ao invés de se fechar em uma posição – adotada antes da viagem ou não –, Barthes prefere não se manifestar nem a favor, nem contra o regime do país de Mao. Para ele, contam somente as pessoas que ele não encontrou, as paisagens vistas pelos vidros do trem, do carro e pelas janelas dos museus, os inumeráveis chás insípidos que contaminam todo o ambiente e seu imaginário chinês. Bem no início da viagem, já no segundo dia, Barthes constata o que será válido para todo o período na China: “Sinto que não poderei esclarecê-los [os chineses] em nada – mas apenas nos esclarecer a partir deles. Portanto, o que se há de escrever não é *E então, China?*, mas *E então, França?*” (2012, p. 9).

A pergunta que, de início, busca conhecer o Outro, é invertida e aponta para a própria identidade cultural de Barthes. Em que medida essa procura pelo Outro resultou no encontro com si mesmo? A viagem à China pode ser vista como uma reflexão sobre o papel do discurso político – e a obrigatoriedade da adesão a ele – na sociedade francesa da época. Talvez possa até mesmo servir para que repensemos as polaridades ideológicas que dominam os discursos políticos nos dias atuais.

De volta a Paris, *Tel Quel* lança um número especialmente dedicado à China no outono, no qual Sollers, Kristeva e Pleyne publicam artigos elogiosos ao regime de Mao. Embora conscientes da forte censura a que foram impostos, os três intelectuais não deixam de enfatizar

⁸ “Écrire *pour* ou *contre*: vieux jeu du militant engagé en situation. Cela peut servir, cela peut asservir: cela perd toujours la chance que la découverte de l'*autre* peut avoir de nous interroger sur ce qui, ici et maintenant, est nouveau, à peine audible, dérangeant.”

que a Revolução Cultural se faz pela linguagem, de que os onipresentes dazibaos, para eles, são prova. Recém-convertidos ao maoísmo e, sobretudo, sem conseguir enxergar um caminho político de esquerda diferente, não tinham outra opção a não ser tentar interpretar o pouco do que viram de maneira positiva. Segundo Forest, o maoísmo *telqueliano* tinha uma particularidade: “[...] por exemplo, no plano literário, era uma técnica e um produto altamente elaborados, um laboratório cuja utilidade os outros não viam” (1995, p. 474, trad. nossa⁹). Voltados para a pesquisa literária, fechavam os olhos à opressão do regime de Mao.

Sem comprometimento político com a posição de *Tel Quel*, Wahl publica no jornal *Le Monde* uma série de quatro artigos intitulada “La Chine sans Utopie” [A China sem Utopia], em que aponta convergências entre o regime de Mao e o estalinismo, desfazendo a imagem ideal do maoísmo tão difundida nos meios intelectuais franceses.

Nesse contexto altamente polarizado, onde o autoritarismo se fazia sentir de ambos os lados, Barthes encontrava-se isolado politicamente. Embora bastante próximo de Sollers e Kristeva, também publica no jornal *Le Monde* o breve artigo “E então, a China?” em 24 de maio de 1974. Frustrando a todos, ele não se posiciona nem a favor, nem contra o maoísmo. Seu texto é simplesmente neutro, em todos os sentidos; descreve, sobretudo, as questões que um viajante se coloca antes de visitar o país sem, contudo, obter uma resposta: a China decreta a falência da hermenêutica quando recusa todo sentido. A partir de então, para Barthes, “um campo novo se revela: o da delicadeza, ou melhor ainda (arrisco a palavra, arriscando-me a retomá-lo depois): o da insipidez” (2005, p. 184). A descrição da China vista por Barthes se dá sob os signos da “delicadeza”, da “insipidez”: as paisagens têm cores pálidas, o chá é inosso, os corpos, de homens e mulheres, são uniformes. As únicas exceções são a culinária, as crianças e a escritura onipresente pelos dazibaos, além, claro, do “Texto político”, que ele opta por não discutir, diferentemente de seus companheiros de viagem.

O texto neutro não agradou nem aos adeptos do maoísmo, nem aos críticos do presidente Mao. Barthes foi duramente atacado; sua postura não foi compreendida e novamente sua discrição foi vista como um não-engajamento: intelectual de renome, esperava-se dele um posicionamento político; contudo, foi privado de diálogo político-ideológico pelo autoritarismo que exigia uma tomada de partido. Até que, no ano seguinte, por ocasião da republicação de “E então, a China?” em forma de plaquete pelo editor Christian Bourgois, Barthes acrescentou uma nota explicativa ao texto, explicitando sua posição. Como sempre praticou e defendeu em sua

⁹ “[...] par exemple, sur le plan littéraire, était une technique et un produit hautement élaborés, un laboratoire dont les autres ne voyaient absolument pas l'utilité.”

trajetória intelectual, o escritor não se interessava pelos lugares comuns, óbvios, esperados; seu lugar sempre foi o inesperado, o espaço das nuances, os entre (-lugares, -ideias, -textos, -discursos...). Barthes enfim critica a obrigatoriedade de assumir um discurso político, notadamente sobre o tema “China”, defendendo seu direito, que é aquele do escritor moderno (e não mais do escritor das gerações de Gide, Malraux e Sartre):

Essa alucinação negativa não é gratuita, pretende responder ao modo de alucinação com que muitos ocidentais vêem a China popular: um modo dogmático, violentamente afirmativo/ negativo ou falsamente liberal. Não será afinal a ideia banal do político achar que só pode chegar à linguagem na forma de um discurso *diretamente* político? O intelectual (ou o escritor) não tem lugar – ou esse lugar é apenas o Indireto: foi a essa utopia que tentei dar um discurso *afinado* (musicalmente). Devemos amar a música, a chinesa também. (2005, p. 190)

Barthes era escritor e “E então, a China?”, mais um de seus escritos. O que viu no país foi o espetáculo que o regime quis mostrar aos europeus; mais vale o que ele entreviu, ou viu de modo indireto, através das gretas no muro invisível que o separava dos chineses. Seu Texto, que portanto é o produto de uma escritura, a obra de um escritor, no sentido barthesiano (2004, p. 65-75), confunde-se com o que vivenciou na China e talvez por isso seja até mesmo mais autêntico do que qualquer outro artigo ou ensaio de cunho político. Deixando de lado uma visão dogmática do país – exigida pela polarização política do momento –, Barthes escolheu a via indireta para escrever sobre a China, afinada musicalmente com o que ele realmente conheceu do país.

Nesse sentido, respeitar o Outro – a China, sua gente, sua história e sua cultura–, é retratá-lo como ele é, não apenas repetindo ou repudiando um dado discurso, político, no caso, mas ultrapassando-o, aprofundando impressões, depurando imagens, reconstruindo um tempo, no tempo musical do Outro. Essa reconstrução é “E então, a China?”, pérola delicada na literatura barthesiana que causou polêmica, mas logo foi esquecida. Um Texto que não pretende explicar a China, nem fazer o elogio ou a crítica do maísmo; por isso, um Texto que não busca apreendê-la, fixá-la, integrá-la a um sistema de pensamento pautado pela autoridade, o ocidental; um Texto que é a China entre-vista por Barthes, sem tocá-la, sem alterar suas propriedades, tal como o exótico radical de Jean Baudrillard, para quem “O exotismo só sobrevive da impossibilidade do encontro, da fusão, do intercâmbio das diferenças” (1991, p. 156, trad. nossa¹⁰). Dito de outra forma, e na esteira de Victor Segalen do *Essai sur l'exotisme*

¹⁰ “El exotismo sólo sobrevive de la imposibilidad del encuentro, de la fusión, del intercambio de las diferencias.”

[Ensaio sobre o exotismo] (1978), para quem o exótico é sinônimo de um Diverso irreduzível, inassimilável, para Baudrillard “O que domina não é o regime da diferença e da indiferenciação, mas a incompreensibilidade eterna, a estranheza irreduzível das culturas, dos hábitos, dos rostos, das linguagens” (1991, p. 157, trad. nossa¹¹).

Intocáveis, irreduzíveis, os chineses para Barthes são uma alucinação:

Ao criar uma doce alucinação da China como objeto situado fora da cor viva, do sabor forte e do sentido brutal [...]. queria ligar num só movimento o infinito feminino (materno?) do próprio objeto, essa maneira inaudita que a China teve, a meu ver, de extravasar o sentido, plácida e pujantemente, e o direito a um discurso especial: o de uma deriva ligeira, ou ainda de uma vontade de silêncio – de “sabedoria”, talvez [...] (2005, p. 189-190)

Afinando sua escrita à China que entreviu, recriando-a textualmente, Barthes o faz com o contorno fluido da alucinação, misto de realidade e fantasia, metamorfoseando o país dos duros blocos políticos em uma imagem pouco nítida e muito misteriosa, objeto de desejo. Certamente não o mesmo desejo que o levou a integrar a comitiva de *Tel Quel*, alinhado à curiosidade etnográfica. Contudo, Barthes criou um espaço de desejo, de cores pálidas e propício a movimentos cadenciados, um espaço de leveza e clareza em meio à rudeza sombria que o envolvia na Paris de 1974. Sem ter conhecimento dos escritos de Barthes sobre a China, Baudrillard parece reconstituir a mesma imagem *alucinada*, pronta para ser moldada conforme a fresta pela qual foi vista, através do muro chinês:

O desejo próprio e o descobrimento são substituídos na tentação do exílio pelo desejo do outro e sua travessia. Muitas vezes os olhares e os gestos amorosos têm a distância do exílio, a linguagem se expatria em palavras que têm medo de significar, os corpos são como um holograma macio à vista e ao tato, sem resistência e, por conseguinte, propício a ser marcado em todos os sentidos pelo desejo como se fosse um espaço aéreo. (1991, p. 65, trad. nossa¹²)

Em tempos de intensos debates políticos, representados tantas vezes pelo embate de ideias ditas de “direita” contra ideias ditas de “esquerda”, fica mais uma lição de Barthes: o direito a não aderir a nenhum dos discursos pré-moldados, com seus argumentos prontos e suas armas sempre apontadas para o lado contrário, e sim a abertura para o leitor criar seu próprio caminho,

¹¹ “Lo que domina no es el régimen de la diferencia y la indiferenciación, sino la incompreensibilidad eterna, la extrañeza irreductible de las culturas, de las costumbres, de los rostros, de los lenguajes.”

¹² “El deseo propio y el descubrimiento son sustituidos en la tentación del exilio por el deseo del otro y su travesía. Ya muchas veces las miradas y los gestos amorosos tienen la distancia del exilio, el lenguaje se expatria en palabras que tienen miedo a significar, los cuerpos son como un holograma blando a la vista y al tacto, sin resistencia y propicio, por consiguiente, a ser estriado en todos los sentidos por el deseo como un espacio aéreo.”

enviesado, pelo meio, entre dois polos, alucinando, talvez, um mundo sem muros, sem autoritarismo e com alteridade.

Referências

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leyla Perrone-Moiés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

_____. “Da obra ao texto”. In *O Rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira, revisão da tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 65-75.

_____. “E então, a China?” In *Inéditos* vol. 4 – Política. Seleção de Leyla Perrone-Moisés, tradução de Ivone Castilho C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 182-190.

_____. *Cadernos da viagem à China*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Revisão da tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BAUDRILLARD, Jean. *La Transparencia del mal*. Ensayo sobre los fenómenos extremos. Tradução de Joaquín Jordá. Barcelona: Editorial Anagrama, 1991.

FOREST, Philippe. *Histoire de Tel Quel : 1960-1982*. Paris : Seuil, 1995.

KRISTEVA, Julia. *Des Chinoises*. Paris: Éditions des Femmes, 1974.

_____. *Les Samourais*. Paris: Gallimard, 1992.

_____. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PLEYNET, Marcelin. *Le Voyage en Chine*. Paris: Éditions Marciana, 2012.

SEGALEN, Victor. *Essai sur l'exotisme*. Une esthétique du divers. Paris: Fata Morgana, 1978.

Tel Quel. En Chine. Paris, nº 59, outono de 1974.